

DIANTE DO ANTROPOCENO: EDUCAÇÃO PARA VIRALIZAR MUNDOS POSSÍVEIS

Tiago Amaral Sales¹

Resumo

E se, ao invés de insistirmos em visões que tentam aniquilar tudo que nos é estranho, decidíssemos, ao nos encontrarmos nas ruínas do Antropoceno, ficar com o problema de uma convivência terrestre com os outros seres – humanos e não humanos –, incluindo os vírus? O que poderíamos com eles aprender? Proponho, nestas breves fabulações especulativas, que pensemos em formas de adiantar o fim de mundos-de-morte para, então, fabular-viralizar com outros mundos-de-vida-e-desejo que sejam possíveis. Dessa forma, com o aporte teórico-referencial de autorias, como Ailton Krenak, Donna Haraway e Suely Rolnik, busco pensar no que podemos aprender com os vírus e em formas de contagiar em afetos e devir-com estes microrganismos como resistências e re-existências em meio ao sistema colonial capitalístico.

Palavras-chave: Educação. Antropoceno. Vírus. Devir-com. Fabulações Especulativas.

EDUCATIONS FACING THE ANTHROPOCENE TO GO VIRAL POSSIBLE WORLDS

Abstract

What if, instead of insisting on visions that try to annihilate everything that is foreign to us, we decided, when we find ourselves in the ruins of the Anthropocene, to stay with the problem of a terrestrial coexistence with other beings – human and non-human –, including viruses? What could we learn with them? I propose, in these brief speculative fables, that we think of ways to bring forward the end of death-worlds and then fable-go viral with other worlds-of-life-and-desire that are possible. In this way, with the theoretical-referential contribution of authors such as Ailton Krenak, Donna Haraway and Suely Rolnik, I seek to think about what we can learn from viruses and ways of infecting our affections and becoming with these microorganisms as resistances and re-existences in the middle of the capitalist colonial system.

Key-words: Education. Anthropocene. Virus. Becoming-with. Speculative Fabulations.

¹ Professor Adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Pós-doutorando em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU). E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Tateando as ruínas

Começamos² os anos 2020 com a emergência pandêmica da covid-19. A coexistência entre humanos e vírus foi, nesses primeiros encontros – oficialmente registrados pelas agências médicas mundiais – entre *Homo sapiens* e Sars-Cov-2, marcada por inúmeras vidas ceifadas. Com o passar dos dias, semanas e meses, o número de pessoas infectadas e mortas foi aumentando vertiginosamente. Rapidamente, instituições científicas entraram numa corrida pela criação de vacinas para gerar, em nossos corpos, moléculas capazes de proteger do adoecimento, e lucrarem grandes montantes com a venda de tais imunizantes. Múltiplas linhas foram se agenciando nestas narrativas pandêmicas que atravessaram as nossas vidas de diferentes formas, viralizando nos tempos seguintes.

Ao vivenciar esses acontecimentos em territórios pandêmicos (SALES; ESTEVINHO, 2021), questiono se, de fato, a tal designação de sapiência à espécie humana – reforçada na segunda parte do binômio de sua espécie – é algo colocado em prática, visto o seguimento de tal emergência, fruto das maneiras como nos engajamos com ela. Como já dizia Bernardo Soares – pseudônimo de Fernando Pessoa – em seu diário n’O *Livro do Desassossego*: “Para mim, se considero, pestes, tormentas, guerras, são produtos da mesma força cega, operando uma vez através de micróbios inconscientes, outra vez através de raios e águas inconscientes, outra vez através de homens inconscientes” (PESSOA, 2019, p. 87).

Dessa forma, questiono: de que maneiras temos nos imbricado na (re)produção destes mundos marcados diretamente por diversas facetas de mortes? As proporções desastrosas, sobretudo nos anos 2020 e 2021, da pandemia de covid-19, mostram-nos o que Bernardo Soares chama de inconsciência ao movimentar desastres. Elas também denunciam as marcas de políticas que se agenciam em torno da vida (FOUCAULT, 2019), fortalecendo a possibilidade de matar (MBEMBE, 2018). No Brasil, o governo estatal, sobretudo em nível federal – também reverberando e ganhando força em dimensões estaduais e municipais –,

² Teço estas escritas em primeira pessoa, ora no singular, ao falar das minhas vivências e movimentos, ora no plural, ao assumir a coletividade que tais atravessamentos nos atravessam e produzem.

enveredou-se no investimento da morte, negando – ousou dizer que conscientemente – a letalidade de tal infecção, desincentivando o isolamento social, menosprezando a eficácia das máscaras e boicotando a vacinação.

Durante os períodos ápices de infecções e mortes na pandemia de covid-19, o contato entre humanos apresentou-se como risco de infecções mortais, pois era, justamente, neste encontro, a possibilidade de também deriva viral. Naquele momento, as já conhecidas tecnologias digitais mostravam-se como possibilidade de comunicação e de educação, sobretudo na modalidade à distância, reduzindo o risco de contágios e adoecimentos. Com o tempo, percebemos que diversas pedagogias foram traçadas na pandemia, como reflito junto de Fernanda Rigue (2023):

A pandemia vai traçando o que poderíamos chamar de uma pedagogia pandêmica ou, quiçá, pedagogias pandêmicas, permeadas pelo atrito entre discursos e práticas biomédicas e outros contrários à perspectiva científica; a tensão entre a vida e o desejo de vivê-la, e a iminência da morte; a instabilidade do perigo de infecção e do desejo de retornar ao que se conhecia anteriormente como “padrão” de normalidade. (...) Viver estes territórios pandêmicos exige-nos, então, uma atenção constante às modulações e suas atualizações. Aprendemos, diariamente, com essas pedagogias pandêmicas que se produzem cotidianamente, mas não despropositadamente. O cansaço intensificado pelas políticas neoliberais capitalísticas toma conta de nossos corpos e o nosso fôlego vai se esvaindo. Surge, desse modo, a urgência de agir, de cultivar caminhos para manter-se vivo e ativar as potências que habitam os nossos corpos (SALES; RIGUE, 2023, p. 112).

As pedagogias pandêmicas interpelaram-se de múltiplas formas em nossas vidas, capilarizando redes de saber-poder biomédico. Mas também foram possíveis linhas de fuga, por meio de aprendizagens tecidas artesanalmente nas resistências e re-existências cotidianas em tentativas de cultivar modos de se cuidar e viver em potências do que se anunciava como possível (SALES; RIGUE, 2023). Assim, percebo que educações diferentes viralizaram-se com a pandemia e, dessa forma, defendo que tenhamos olhares atentos a elas.

Uma pessoa que se destacou neste contexto pandêmico, através de seus pensamentos e reflexões em falas públicas – muitas delas posteriormente materializadas em livros –, foi o pensador indígena brasileiro Ailton Krenak. Ele tem se anunciado nas últimas décadas como um dos principais intelectuais

latinoamericanos do tempo presente, debruçando-se intensamente nas questões contemporâneas que permeiam as múltiplas formas de vidas, de saúdes, de educações, de ambientes, de culturas, e a coexistência entre humanos e outros seres – não humanos e mais que humanos –, como os vírus, os rios, os animais, as plantas, as montanhas, os sonhos e o tempo.

Pouco antes da emergência pandêmica, Krenak publicou o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, no ano de 2019. Sobre este livro, percebemos que “Algumas leituras nos (des)inquietam, deslocando o que em nós, até então, estava adormecido, paralisado, machucado, conformado ou morto. São leituras que nos possibilitam pensar em outros caminhos, outras realidades, outras vidas, e... e... e...” (SALES; SILVA, 2021, p. 837). Esta obra, mesmo sendo produzida antes da anúncio da pandemia de covid-19, ressoou em tantos que com ela se encontraram na dura travessia pandêmica, e é com ela que parto para ensaiar esta travessia fabulativa de pensar como podemos lidar com o fim de certos mundos que investem incessantemente em políticas de morte e sonhar outros espaços de vida possíveis.

A obra de Krenak (2019) também pensa na dimensão do que vem se chamando de Antropoceno para colocar em questão todo o modo de vida atravessado pelo sistema capitalista neoliberal. Seguindo neste caminho de reflexão e problematização do Antropoceno, Krenak (2019) afirma que

No nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (p. 20).

É neste tempo chamado de Antropoceno que nos situamos: um período de ausências, de vazios, de capturas incessantes, de um sistema colonial capitalístico (ROLNIK, 2018). Sobre o conceito de Antropoceno, Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2022) afirmam que ele



[...] designa um novo “tempo”, ou antes, um novo tempo do tempo – um novo conceito e uma nova experiência da historicidade –, no qual a diferença de magnitude entre a escala da história humana e as escalas cronológicas da biologia e da geofísica diminuiu dramaticamente, senão mesmo tendeu a se inverter: o ambiente muda mais depressa que a sociedade, e o futuro próximo se torna, com isso, não só cada vez mais imprevisível, como, talvez, cada vez mais impossível (p. 111).

Estaríamos, então, vivendo em um tempo dos impossíveis? E o que ainda restaria a nós, reles mortais, neste cenário que, à primeira vista, aparenta ser catastrófico? O Antropoceno é, desse modo, o nome dado a um período em que as modificações humanas geraram tamanho impacto no planeta em que habitamos que jamais será possível voltarmos a sermos “os mesmos”³. Nele, somos interpelados pelo reconhecimento de uma coexistência com tantas outras formas de vida, a qual é necessária para que estas persistam.

Sobre este tempo, a antropóloga Anna Tsing (2019) afirma que ele consiste em um período marcado pela vida entre as ruínas: “O termo Antropoceno marca uma diferença: à medida que as infraestruturas industriais e imperiais se espalharam, os efeitos perigosos não projetados dispararam” (p. 14). A autora completa que, nestes cenários, compomos paisagens multiespécies (TSING, 2019).

Também sobre o Antropoceno, a bióloga, antropóloga e filósofa Donna Haraway (2016) afirma que

O antropoceno marca descontinuidades graves, o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que nosso trabalho é fazer com que o antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstruir refúgios (p. 2).

Antropoceno: tempo de diferenças, de ruínas, de descontinuidades, de ausências, de caos, de fins. Poderia ser também o tempo de começos? Seriam possíveis outros modos de viver e de habitar o mundo para além das formas (auto)destrutivas propagadas por esta “humanidade zumbi” denunciada por Krenak (2019)? Diante de um cenário catastrófico, como o da pandemia de covid-19, entremeado por mudanças climáticas, guerras e crises ambientais, o que se anuncia

³ Coloco o termo “os mesmos” entre parênteses pois questiono também a ideia de que já fomos algo sólido, igual, único, imutável. Assim, nesta indagação, encontro brechas para afirmar a vida em seu movimento e devir que acontece com tantos outros seres e acontecimentos.

como caminhos possíveis em nossos territórios? Será que na própria materialidade das existências virais também poderíamos encontrar pistas do que aprender com estes seres em suas modulações ético-estético-políticas?

Apesar de tal cenário doloroso e, muitas vezes, catastrófico, Tsing nos lembra que “[...] o mundo do Antropoceno é cheio de coisas estranhas e surpreendentes que precisamos conhecer, e é hora de renovar nosso interesse coletivo no que está acontecendo” (2019, p. 18). Resta-nos encontrar maneiras de nos animar para esta tarefa de trilhar caminhos na terra e com a Terra.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak (2019) problematiza o que se chama de humanidade, a constante queda dos humanos ocidentais rumo à destruição deste planeta, o qual compartilhamos a possibilidade de construirmos paraquedas coloridos para sobreviver – e, quem sabe, sobrevoar o caos – em meio às tristezas que anunciam as ruínas deste mundo. É a partir destas percepções que busco colocar-me atento às possibilidades de questionar o tempo presente e também adentrar em movimentos ativos de (re)invenção e (re)criação dos territórios em que vivemos.

É com as inspirações de Ailton que me engajo a atentar-me em possibilidades de adiar o fim do nosso mundo. “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” (DELEUZE, 2013, p. 135). Para estas linhas, desejo também pensar em que mundos são possíveis de existir e como podemos situarmo-nos em sua produção em coexistências multiespecíficas – com especial foco aos vírus. As escritas de fabulações especulativas (HARAWAY, 2023) acontecem com o movimento de pensar em como viralizar em educações que se fazem no Antropoceno. Estes movimentos de escrita me permitem a fluidez por diferentes campos que permeiam aprendizagens que acontecem com a vida em comunicações/interações/relações com ciências, artes, filosofias, e... de modo a sentir o mundo que habitamos e vislumbrar outros por vir.

“Eu não imagino alguém, que está vivendo no Planeta hoje, que não tem, no imaginário, a gravidade de um vírus que afeta o Planeta inteiro” (KRENAK, 2020a, p. 29). Passar por travessias pandêmicas (SALES, 2022a) mostra-nos a finitude da

vida e que, para além de belezas, immanentemente existe o risco de viver com os outros seres, sobretudo quando adotamos um modo exploratório e destrutivo de habitarmos a Terra. Mas estar neste espaço de movimento e de transição é também querer atravessá-lo, já que “Viver a travessia também é desejar atravessar, é querer mudar, migrar” (SALES, 2022a, p. 511). Eis, então, possibilidades de repensar a vida humana e a sua relação com os não humanos. Se estivermos atentos aos seres que conosco compartilham o planeta, podemos muito com eles aprender.

Percebo e afirmo que uma possibilidade para habitar este tempo, anunciado-nos como Antropoceno, seja investirmos nas múltiplas maneiras de fazer-criar-experimentar educações, ao percebê-las “como um não-lugar, não-consenso, não-verdade, sendo, em suma, um território de encontros e devires em suas diferenças, de multiplicidades, de vida. Em camadas, paisagens” que aconteçam nas conexões e comunicações entre ciências, artes e filosofias (SALES *et al.*, 2021, p. 253).

Assim, busco infectar quem com este texto se encontre, em devir-com os vírus, com as palavras-afetos aqui maquinadas. Para tal, divido-o nesta seção inicial em que *tateio as ruínas* do Antropoceno; na próxima, intitulada de *Adiantar o fim de certos mundos*, em que, junto da percepção de uma multiplicidade de mundos que coexistem e se atritam, defendo a urgência de adiantar o fim de mundos-de-morte; e, em seguida, por *Outros mundos possíveis*, para experimentar e contagiar criações de mundos-de-vida-e-desejo; e, por fim, *Caminhos abertos*, ensaiando linhas por vir. Em todo este trajeto, ensejo viralizar fabulações especulativas que permitam experimentar-sonhar territórios outros, possíveis de serem criados-vividos coletivamente.

Adiantar o fim de certos mundos

Perceber no Antropoceno as marcas de um mundo em ruínas (TSING, 2019) é algo que pode ser angustiante. Sustentar tamanha dor e medo do futuro é também uma tarefa necessária para nele (sobre)viver. Acolher tais sensações é importante,

mas é necessário seguir sem sucumbir, como no samba que nos anima: “Reconhece a queda e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima!”⁴.

Talvez devamos perceber que todos nós já caímos. Quedas e mais quedas sem fim, como anuncia Krenak (2019). “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair” (KRENAK, 2019, p. 21). Caímos na aposta neoliberal capitalística (ROLNIK, 2018) de investir na percepção do mundo e dos seres que o compõem, sejam eles humanos ou não humanos, como mercadorias. Caímos ao insistir no consumo, no comércio, na exploração, na predação, na destruição. Caímos ao cultivarmos comportamentos narcísicos e microfascistas perante os *outros*, sem nos reconhecermos também como “os outros” – animais, seres, vidas, deslocados de um lugar de onipresença.

Reconhecer as quedas pode ser um primeiro passo para ensaiar outros caminhos e, quiçá, adiantar o fim de certos mundos que se nutrem em políticas de morte (MBEMBE, 2018; SALES; ESTEVINHO, 2020) e na cafetinização do desejo (ROLNIK, 2018) para criar, visibilizar e nutrir outros possíveis. É justamente nestes desmoronamentos que o autor nos clama a sacudir a poeira que tem se acumulado em nossos corpos e colocarmo-nos em movimento de construir “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019). Talvez, algumas respostas estejam justamente em nós e em nossas convivências com outros seres, inclusive os que se apresentam como perigos as nossas existências, como os vírus.

Uma pensadora que também tem nos presenteado com inquietações para questionar e agir no contemporâneo é a psicanalista brasileira Suely Rolnik. Durante o auge da pandemia de covid-19, assim como Krenak, ela engajou-se na produção de falas públicas divulgadas em redes midiáticas. Numa delas, intitulada de *Do sujeito-em-bloco ao sujeito-em-obra. Ideias para adiantar o fim do mundo* (ROLNIK, 2020), a autora nos chama a atenção para a necessidade de não sucumbir aos traumas, ativando os nossos corpos vibráteis (ROLNIK, 2016) na tarefa de adiantar

⁴ Música *Volta por cima*, de Paulo Vanzolini. Esta canção foi gravada na voz de diversas/os cantores, como Beth Carvalho, Elza Soares, Jorge Aragão e Maria Bethânia e é com este coro polifônico que nos inspiramos a enfrentar tal tempo desafiante, tenebroso e também instigante.

o fim de mundos que não fazem mais sentido de perdurar: mundos da morte, da violência, do racismo, do estigma, do sufocamento, da destruição.

O “vírus colonial capitalístico”⁵ (ROLNIK, 2020), como anuncia Suely em sua *live*, é mais perigoso que o Sars-Cov-2. São estas engrenagens neoliberais, coloniais e capitalísticas (ROLNIK, 2018) que vampirizam as nossas vidas e movimentam engrenagens de morte. Assim, a emergência pandêmica apresentou-se como mais uma faceta, um caminho possível de se exterminar tantos corpos que, para este sistema, já não importam se estão vivos ou não. Todas estas facetas pertencem a mundos necrófilos, mundos dos negacionismos, dos epistemicídios, das hierarquizações, dos microfascismos, das aversões, das guerras, do medo, do horror, da perversidade, da vampirização da vida e, em muitos casos, dos extermínios.

Parto do pressuposto de que uma multiplicidade de mundos coexiste. Quiçá, podemos afirmar que cada ser pode compor um mundo e que cada vida possui o seu modo de atuar na tecitura e criação de mundos outros. Porém, a partir do diagnóstico de que certos mundos estão caindo aos pedaços, questionamos: será que precisamos adiar o fim destes mundos mortíferos? Talvez, mais nada de alegre e potente nos reste ao insistir em muitos mundos que se anunciam como espaços de produção, atualização e disseminação de violências e de mortes, e adiantar o seu fim seja o melhor caminho. Seguir esta perspectiva de fins – que nada tem de fatalista – não é defender teorias niilistas do juízo final, mas entrar em velocidades variadas com as possibilidades de reconhecer parte desta realidade a qual estamos inseridos. O sistema colonial capitalístico investe na cafetinização e vampirização dos territórios de vida-e-desejo, na medida em que instaura mundos mortíferos (ROLNIK, 2018). Ver estas paisagens é encontrar um lugar para partir na fabulação de um tempo outro, por vir, que se articule ético-estético-politicamente com a vida.

Nos é anunciado que o fim do mundo é agora. Somos bombardeados a todo momento por notícias que anunciam guerras, crises ambientais, catástrofes, secas, inundações. Chegamos quase a ‘normalizar’ tudo isso em nossos cotidianos, em

⁵ Fala presente no minuto 21 do arquivo da *Live* da autora presente no arquivo <<https://www.youtube.com/watch?v=9fugzAPsfvM&t=1355s>>

estratégias – furadas? – as nossas sobrevivências. Para muitos de nós, o que assusta e machuca não são apenas as informações midiaticamente veiculadas, mas a materialidade das mudanças climáticas, das doenças, das mortes e das destruições. Muitos mundos-de-vida estão acabando, vítimas do sistema colonial capitalístico, isto é um fato, mas não do mesmo jeito para todos: em cada local, de cada modo, eles se esvaem de maneiras distintas, e reconhecer isto é algo necessário também à articulação do que podemos fazer em meio a isso tudo.

Quais mundos poderíamos investir a nossa energia para cuidar? Que outros mundos precisam acabar, pois nos sugam as possibilidades de viver com alegria e lutar em defesa da multiplicidade? Como o sistema colonial capitalístico investe no fim de certos mundos-potências e na criação de outros mundos-capturas? De que maneiras podemos nos engajar ético-estético-politicamente com a vida, com as múltiplas maneiras de habitar e constituir os mundos-de-vida-e-desejo, com os devires, com os tantos seres que convivem e fazem Gaia conosco?

Donna Haraway (2023), em seu livro *Ficar com o problema*, inquieta-nos a, justamente, permanecer com o que nos desestabiliza e ruminar, digerir, compostar, triturar, cismar, até conseguir fazer algo com isso ou, quiçá, nessa demora, seguir com as angústias e inquietações. No capítulo *Inundadas de urina: DES e Premarin e responsabilidade multiespécie*, a autora tece certa genealogia do DES (dietilestilbestrol), um hormônio produzido sinteticamente o qual era ministrado a sua companheira canina em tratamento a certa disfunção (HARAWAY, 2023). O DES foi inicialmente produzido para evitar abortos em humanos com útero, porém acabou gerando diversos cânceres nas pessoas que o ingeriam, levando ao desestímulo de seu uso. Ao entrar em contato com tais narrativas, recordo-me de outros trajetos da indústria farmacêutica durante emergências globais, só que atravessadas pelas existências virais.

No início da década de 1980, a Terra e os seus habitantes ingressaram em uma pandemia que, ao longo dos anos subsequentes, deixou dezenas de milhões de mortos, movimentada pelo vírus da imunodeficiência humana, o HIV, o qual, na ausência de tratamento, leva à aids. Atualmente, entramos na quinta década de tal

coexistência global entre humanos-e-vírus. A indústria farmacêutica demorou alguns anos até produzir os primeiros antirretrovirais capazes de frear a infecção e ciclo do HIV, porém, em decorrência de interesses econômicos, gastou-se mais um longo tempo até que estes medicamentos fossem disponibilizados às pessoas adoecidas e, quando isto ocorreu, foi a altíssimos preços.

Estas e tantas outras questões ligadas a este período inicial da pandemia de HIV/aids foram retratadas em diversos trabalhos acadêmicos e artísticos. Um exemplo de produção é o documentário *How to survive a plague* (2012), traduzido para *Como sobreviver a uma praga*. Um filme pode nos dar pistas do fim de muitos mundos atravessados pelos modos com que o sistema colonial capitalístico se viraliza em nossas vidas, em meio à política de produzir a aids enquanto um dispositivo histórico-social-cultural-político tecido em torno dos corpos, da vida e dos desejos (SALES, 2022b). Sobre e com esta produção cinematográfica, reflito (2023) que:

Registros de protestos nas décadas de 1980 e 1990 são articulados com falas e informações em torno do HIV e da aids, na construção de narrativas de luta e de resistência. Enquanto as cenas acontecem e se movimentam, dados estatísticos atualizam os espectadores acerca do número de mortos pela aids ao longo do tempo. Grande parte dos personagens que aparecem ao longo do filme morrem durante o período de gravação daquelas imagens. A morte é personagem no filme, assim como o luto e a luta. Tais dimensões – da luta e do enlutar-se – tecem-se em conexões viscerais (SALES, 2023, p. 39).

Cultivar a memória do que acontece no fim de tantos mundos atravessados pela convivência humano-vírus e pelo sistema colonial capitalístico é pista para construir outros territórios possíveis. Precisamos lembrar do que nos fere, do que sangra e do que precisa de cuidado. No filme citado, tece-se fios de um tempo que foi marcado por incontáveis mortes em decorrência do descaso farmacêutico-industrial aliado à necropolítica (MBEMBE, 2018) estatal. Lembrar desses acontecimentos nos ajuda a entender um pouco mais a carnificina experienciada por nós durante a pandemia de covid-19, a qual tomou proporções desastrosas, sobretudo em países de posturas negacionistas científicas e também epistemicidas, de tendências conservadoras e reacionárias, como o Brasil durante o governo bolsonarista.

Já dizia o ditado popular que ‘lembrar é viver’, mas, em certa medida, lembrar algumas histórias é também morrer um pouco a cada momento em que nos permitimos sentir as feridas do mundo. No entanto, se não nos reconhecemos vulneráveis perante a dor do outro e da Terra, que é nossa também, será que já não estaríamos mortos em vida? Recordar dos atravessamentos pandêmicos é estar de frente à materialização de um mundo que já ruiu, em que lutamos desesperadamente para respirar.

Como refletem Eloísa Martins, Elizeu da Cruz e Sidney dos Santos (2020), “As condições para a existência humana são também resultados do trabalho dos vírus” (p. 6), no entanto “Os vírus não respeitam as fronteiras das nações, [e a] xenofobia nunca foi tão indispensável como em momentos de pandemia causados por eles” (p. 2). A nossa coexistência com os vírus em emergências pandêmicas também coloca em questão as nossas problemáticas perante o viver com o outro: xenofobia, intolerância, preconceito, estigma, segregação, perseguição. Estas dimensões ressoaram em ondas de ações racismo com pessoas de origem oriental⁶ no começo da pandemia de covid-19, na criação estigmatizante do termo ‘grupos de risco’ e em violências que, ainda hoje, impõem barreiras para que pessoas vivendo com HIV/aids entrem e permaneçam em dezenas de países mundo afora⁷.

No Brasil, a emergência viral da covid-19 foi notificada inicialmente como desimportante e, como pílulas mágicas, um medicamento utilizado para doenças como a malária, popularmente conhecido por Cloroquina (hidroxicloroquina), foi viralmente divulgado como uma milagrosa cura⁸. A partir desta informação distorcida

⁶ A matéria da Folha de São Paulo noticia que “Em meio a surto de coronavírus, orientais no Brasil relatam preconceito e desconforto” <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/em-meio-a-surto-de-coronavirus-orientais-no-brasil-relatam-preconceito-e-desconforto.shtml>> (Publicado em 03/02/2020; acessado em 26/10/2023).

⁷ Em matéria publicada no site da UNAIDS, afirma-se que “Dos 48 países e territórios que mantêm restrições, pelo menos 30 ainda impõem proibições à entrada, permanência ou residência com base no estado sorológico para o HIV e 19 deportam estrangeiros vivendo com HIV” <<https://unaid.org.br/2019/06/unaid-e-pnud-pedem-que-48-paises-e-territorios-removam-restricoes-de-viagem-relacionadas-ao-hiv/>> (publicado em 27/06/2019; acessado em 26/10/2019).

⁸ Matérias jornalísticas dos períodos ápice da pandemia de covid-19 noticiam que “Estudo distorce dados para dizer que países que usaram a hidroxicloroquina tiveram 75% menos mortes pela covid-19: A pesquisa, anônima e manipulada, foi divulgada por um site de extrema-direita com histórico de publicação de conteúdos distorcidos”, presente no seguinte endereço do Jornal Estadão

noticiada por redes governamentais⁹, muitas pessoas se intoxicaram com o uso exacerbado da mesma, outras se infectaram pelo Sars-Cov-2 acreditando que estariam protegidas pelo fármaco. Estas são facetas de mundos que se ergueram com uma necropolítica institucionalizada, à qual o estado se alimenta justamente do direito de fazer morrer, de matar, de banalizar certas vidas para, enfim, poder apagá-las friamente, como quem joga lixo pelas janelas de um carro de luxo ao dirigir pelas vias expressas enquanto passa ao lado de uma favela.

São muitas as dimensões do fim de um mundo. O filósofo Michel Foucault (2005), já em discursos do século passado, afirmava que estas políticas em torno da vida e da morte têm alguns corpos prediletos: os rotulados socialmente como menos valiosos, corpos possíveis de serem descartados, logo, subalternizados para serem mortos. A esta dimensão, Foucault (2005) chamou de racismo de Estado, um “um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (p. 73).

Nos territórios coloniais capitalísticos viralmente tecidos, “Os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico. Os seus corpos estão à partida mais vulnerabilizados pelas condições de vida que lhes são impostas socialmente pela discriminação racial ou sexual a que são sujeitos” (SANTOS, 2020, p. 26-27). Ficar com o problema pandêmico é reconhecer justamente quais corpos estão mais próximos das beiradas dos precipícios dos fins de mundo, quais já caíram e quais estão na iminência de serem descartados. Também é perceber que não há apenas fatalidades e partidas, mas

<<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/estudo-distorce-dados-para-dizer-que-paises-que-usaram-a-hidroxicloroquina-tiveram-75-menos-mortes-pela-covid-19/>> (publicada em 01/10/2020 e acessada em 25/10/2023); e “Estudo associa uso de hidroxicloroquina a alta de mortes em pacientes com Covid: Meta-análise de 28 estudos registrou mortalidade maior em 10 mil pacientes; uso da cloroquina demonstrou nenhum benefício contra a doença”, divulgada no seguinte endereço do Jornal CNN

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/hidroxicloroquina-esta-ligada-ao-aumento-de-mortes-por-covid-19-mostra-estudo/>> (publicado em 24/04/2021 e acessado em 25/10/2023).

⁹ Como afirma o Jornal O Globo, o então presidente do Brasil, “Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases” <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>> (acessado em 25/10/2023).

que podemos criar estratégias de resistências e re-existências, de sobrevivência, de fuga. Seria possível, então, escapar?

Nos caminhos de cartografar os territórios pandêmicos de vida-e-morte, na tarefa de salvar alguns mundos que ainda nos restam e, quiçá, investir no fim de outros antes que seja tarde demais, ensaiei, junto de Lucia Estevinho (2021), algumas rotas desejosas para escapar: “Escapar sonhando curas, desejando vacinas, contaminando-se em vida e esperando em forças. Escapar não como covardia, mas como enfrentamento: fuga em acontecimentos-virais, na criação de formas outras de existências, resistências e re-existências” (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 292). Entre as negligências industriais-farmacêuticas, os racismos de estado, as mudanças climáticas e tudo que se apresenta como caos destrutivo nas ruínas do Antropoceno, forjar linhas de fuga e de criação é nossa tarefa necessária. Aliar estes caminhos às potências-educações é estarmos porosos ao que nos é possível aprender e forjar nestes territórios de fins-e-começos de mundos.

Ao propor adiantar o fim de mundos mortíferos, decrépitos, em ruínas, Rolnik (2020) sugere que nos coloquemos atentos ao tempo que nos envolve e que também compomos, percebendo as atitudes que somos capazes de mobilizar. Valeria a pena insistirmos em mundos que estagnam o desejo, que cerceiam as possibilidades de existir, que movimentam guerras, que deliram vontades narcisistas, que investem na manutenção do poder estatal pelo controle da vida e investimento da morte? Talvez, afirmar o fim de certos mundos que variam entre o excesso de conservadorismo possessivo e desterritorialização mortal é abrir caminhos para mundos outros.

Outros mundos possíveis

O antropólogo Eduardo Viveiro de Castro, no posfácio do livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Krenak (2019), inspira-nos a seguir nas reflexões entre fins de certos mundos e a percepção de quais outros espaços-tempos são possíveis. Para o autor, “Adiar o fim do mundo é necessário porque, como sabemos, um outro fim de mundo é possível... O fim, por exemplo, daquele outro mundo suscitado pela

negação deste mundo – o mundo melhor que imaginamos estar construindo sobre as ruínas deste mundo” (CASTRO, 2019, p. 80). Fins e começos se abrem como caminhos difusos que podem se misturar nas linhas de viver e morrer no Antropoceno.

“Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza” (KRENAK, 2019, p. 67). Seguir habitando as ruínas do Antropoceno demanda que cultivemos as capacidades de fabular, especular, imaginar, criar mundos outros e modos de neles residir, de nos situar, de coexistir com os tantos seres que os compartilham, que os chamam de lar.

Ao refletirmos nas dimensões das coexistências virais entre-pandemias, Thiago Ranniery e Nathalia Terra (2023) nos lembram que:

A contrapelo, a propagação alucinante de microrganismos evidencia o colapso de mundos puros e conspurca a batida tecla das histórias de tragédia que se abatem sobre o *antropos*. Não para dizer que a crise ecológica não existe, mas que o anunciado fim do mundo não é o fim do mundo propriamente dito, somente o fim de um certo mundo (RANNIERY; TERRA, 2023, p. 13).

Habitar o Antropoceno demanda a capacidade de atentarmos ao que nos circunda, e de percebermos quão mundanos e terrestres são os nossos territórios, as nossas vidas, os nossos saberes, as nossas práticas. No que compete às múltiplas educações possíveis, Nathan Lima e Matheus Nascimento (2021), em reflexões que partem da emergência da pandemia de covid-19, ressaltam a necessidade de pensarmos em maneiras de aterrarmos-nos no Sul, com os saberes, as epistemologias, as práticas e as cosmopolíticas do Sul global: “Precisamos de uma educação terrestre (...). Local e Global precisam mudar de rota em direção ao Terrestre” (LIMA; NASCIMENTO, 2021, p. 12). Pensarmos nas demandas do Sul para habitar – e educar – no Antropoceno é criarmos maneiras de viralizar pelas ruínas com o que ressoa e pede passagem em nossos territórios. Não há caminhos prontos: o trajeto demanda ser trilhado diariamente, de maneira coletiva em meio às paisagens multiespécies que compomos.

A proliferação viral pandêmica pode anunciar o fim de certos mundos, sim, mas não do mundo como um todo. Talvez em nossas imaginações e na forma como nossos corpos ressoam os afetos que nos atravessam, pode parecer o fim de tudo, mas há vida, há algum caminho a seguir, há possibilidade de agência, há um coletivo a se formar, há algo a se fazer – ou, ao menos, há o desejo e o sonho de que exista tudo isso.

Falar em adiar o fim do nosso mundo, como propõe Krenak (2019), ou adiantar o fim de certos mundos, como sugere Rolnik (2020), podem parecer questões opostas, mas, se pensarmos com calma, perceberemos que caminham em direções próximas. Adiar o fim dos mundos que nos gestam, que nos nutrem, que nos abrigam, que nos permitem desejar-sonhar-viver, é cuidar de Gaia, da Terra nosso planeta, da terra em que pisamos, habitamos e também compomos. Eis a tarefa de cultivar caminhos coletivos à sobrevivência. Quem sabe, adiantar o fim de modos de vida já cadavéricos, fadados ao fracasso iminente, seja findar com mundos que, mais do que investir na morte, já se apresentam como mortos no que há neles de possibilidades de criar encontros alegres, de transbordar em vida. Viralizar-se na inspiração de finalizar mundos-de-morte e cuidar dos mundos-de-vida é se abrir às insurgências de outros caminhos-territórios possíveis.

Os vírus que podem infectar e gerar adoecimentos nos seres humanos também mostram a fragilidade de nossas vidas, a sua finitude, levando muitos que, distantes de uma percepção de que viver é também morrer, entram em pânico. Sobre este tema, Krenak (2020b), em *A vida não é útil*, lembra-nos de que, com a pandemia de covid-19, os humanos, sobretudo de pensamento ocidentalizado, reconheceram-se em perigo: “Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise” (KRENAK, 2020b, p. 44).

As infecções virais podem sim descarrilar-se em mortes das células e, também, dos seres que se fazem de morada a estes micro-organismos acelulares. Mas, ao pensarmos nas emergências pandêmicas, como a de HIV/aids e, mais recentemente, a de covid-19, o que se coloca como um dos principais

desencadeadores da proporção dos impactos é justamente o modo como nos posicionamos perante o mundo, a vida humana e as suas relações com outros múltiplos seres. Nesta afirmativa, não quero compactuar com visões moralistas da natureza, as quais dizem que ‘os seres humanos são o vírus’ e associam, inclusive, crises sanitárias como a Terra nos cobrando em decorrência de nossos danos a ela causados – como bem pontuado por Adam Searle e Jonathon Turnbull ao analisarem discursos produzidos no começo da pandemia de covid-19 (2020). Sobre estas questões, os autores afirmam que:

Ver as ecologias de quarentena como evidência de ressurgimento fetichiza o trabalho multiespécie necessário para manter a ‘Natureza’. Encontrar alívio neste imaginário falsificado de ressurgimento em resposta ao confinamento da humanidade gera neutralidade política e inércia num momento em que é urgente uma ação ecológica real. O ressurgimento, portanto, deve ser restabelecido como um esforço de trabalho multiespécie, provocado através de um compromisso ético com os mundos que esforçam-se para manter, apoiar e criar (SEARLE; TURNBULL, 2020, p. 293, tradução minha).

Não somos os vírus do planeta – por mais que possamos devir-com eles –, somos humanos, animais que interagem com outros seres, aos nossos modos. A perspectiva moralizante que nos rotula enquanto pragas retira a dimensão de responsabilidade ética e política de um cuidado coletivo perante a vida, o mundo e os tantos seres que nele habitam. Estes discursos podem, inclusive, ser utilizados para movimentar massacres e genocídios fantasiados de noções de ‘naturalidade’, algo como o ‘caminho da natureza’; e ‘fatalidade’, como se nada pudesse ser feito. Eis, então, a urgência de um ressurgimento pós-pandêmico – como bem pontuaram os autores desde o primeiro ano de emergência da covid-19 enquanto doença midiaticizada – para esta e outras crises a serem lidadas, em posturas que se articulem de maneira ética-política para mantermo-nos, apoiarmo-nos e criarmos-nos nestas coexistências (SARLE; TURNBULL, 2020).

Para além de moralizar a nossa convivência com outros seres, queremos reconhecer que o nosso modo de nos relacionar tem colocado a vida de tantos em risco, o que demanda atenção e reformulação de rotas. Isto ocorre pois o sistema colonial capitalístico transforma tudo e todos em mercadoria na medida em que cafetina os nossos desejos (ROLNIK, 2018). Nisso, afasta-nos da possibilidade de



viver com e devir-com os outros seres (HARAWAY, 2023). E se nos colocássemos no exercício de perceber como os vírus vivem, se multiplicam, em suma, como eles acontecem em suas experiências terranas? O que poderíamos aprender nesta atenção que acontece com a vontade de criar territórios em coexistências? Eis um exercício sutil de nos permitir escutar e sentir um encontro-aula que pode se fazer com os vírus, compondo com eles uma paisagem multiespécie.

Uma pista inicial para articularmo-nos nesta tarefa de perceber – e tecer – outros mundos possíveis pode estar justamente no que parece ser causador de fins de mundo: as existências virais. No que diz respeito aos vírus, estes são seres acelulares que carregam a força de se multiplicar e infectar outras formas de vida como caminho as suas existências. O filósofo italiano Emanuele Coccia (2020) afirma que:

Poderíamos dizer que o vírus é a força que permite a cada corpo desenvolver sua própria forma, como se ele existisse desencarnado do corpo, libertado, fluando – a pura potência da metamorfose. Eis o que é o porvir, uma força de desenvolvimento e reprodução da vida que não nos pertence, que não é propriedade exclusiva de um indivíduo, nem mesmo comum e compartilhada, mas sim uma potência fluante na superfície de todos os outros corpos. Precisamente porque ela é livre, essa força circula de corpo em corpo. Ela está ao dispor de todos, suscetível de ser apropriada por cada um dentre eles. Mas, assim como apropriar-se de um vírus significa contaminar-se, transformar-se, metamorfosear-se, apropriar-se do futuro significa expor-se a uma mudança irreparável (COCCIA, 2020, p. 209).

Nos vírus encontramos, como afirma Coccia (2020), justamente a potência de metamorfosearmos-nos, de entrarmos em contato com um porvir ou, quiçá, de fazermos-nos essa mudança terrestre insurgindo em nossa carne, manifestando em nossos corpos. Na infecção pelo mundo que nos circunda e que também compomos está a materialidade da mudança, do expor-se, da mutação, do irreparável: na mistura entre materiais genéticos reside um caminho-sem-volta, um salto ao desconhecido. São microrrevoluções, mudanças moleculares que instauram outros caminhos.

Seria possível, então, neste exercício atento aos seres virais, também aprender com eles? É neste caminho que Santiago Diaz (2021) propõe uma contra-pedagogia do vírus, que acontece pelos contágios. Sobre esta dimensão, o autor afirma que:

A contra-pedagogia do vírus é uma micropolítica ativa do próximo, dos contatos silenciosos, da escuta profunda e da atenção do suceder incerto; o que este ensino implica é uma aprendizagem das mutações, das aberrantes variações heterogêneas que o vivente convida em sua vital provocação, uma incitação radical que não teme perder nada pelo caminho, porque sabe que a continuidade de sua potência fervilhante se estende muito além de qualquer indivíduo, cidade ou país (DIAZ, 2021, p. 171-172).

Ensaïarmos uma contra-pedagogia do vírus é entrarmos em velocidades com este porvir materializado nas partículas, é percebermos as potências das micropolíticas ativas que acontecem justamente nos contatos, nos encontros. Neste sentido, atentarmo-nos aos vírus é, como nos ensina Haraway (2023), devir-com eles: em uma existência que acontece com estes outros seres, perceber maneiras possíveis de instaurar convivências, de aprender e de nos movimentar com eles, juntos deles, em coexistências e cocriações.

Com isto, reconhecemos que as vacinas, os antivirais, os métodos preventivos, os isolamentos sociais e as medidas sanitárias são necessários em muitos momentos – sobretudo em contextos de epidemias e pandemias –, freando processos de infecções, adoecimentos e mortes. Defendemos que é importante que o cuidado ao contágio e ao adoecimento aconteça sem a manutenção de sistemas discriminatórios e segregacionistas, seja pela desigualdade no acesso a diferentes produções bio-médico-tecnológicas, seja na rotulação de que os corpos que (con)vivem com os vírus importam menos do que os outros. Caminha junto destes processos o reconhecimento da responsabilidade governamental perante o cuidado das múltiplas formas de vida. Estas dimensões de cuidar não são somente individuais: acontecem uns com os outros, também nos encontros, no cultivo de uma solidariedade ativa.

A dimensão viral que mais mata cotidianamente é movida pelo sistema colonial capitalístico e pelos seus mundos-de-morte que insistem em permanecer, na busca incessante pelo lucro, pela vampirização do desejo, pela retirada da importância que tantas vidas têm – movimentos agenciados por nós, humanos, logo também possíveis de serem alterados e, quiçá, de terem um fim. Nos microrganismos acelulares envoltos em capsídeos que compartilham a Terra/terra conosco, reconhecemos existências que travam os seus trajetos para existir.

Sobreviver ao fim de mundos seria possível ao contarmos as nossas histórias com os vírus? E, quiçá, poderíamos escrever outras narrativas possíveis, cuidando de alguns mundos que ainda nos restam e criando outros que sejam viáveis as nossas existências?

Krenak (2019) propõe justamente que possamos contar outras-e-outras histórias. Experimentar e fabular caminhos do mundo e entre-mundos: “E minha proposta sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK; 2019, p. 20). Quais histórias – e estórias – de outros modos e mundos podem ser escritas? De que maneiras é viável compor e devir-com os vírus? Como nós – humanos-e-vírus – fazemos mundos *juntos*?

Ailton Krenak (2020b) lembra-nos de que “Os outros seres são junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro” (p. 71). Recriar o mundo é ensaiar outros caminhos, é devir-com (HARAWAY, 2023), é criar frestas, é viralizar. Nestes trajetos, percebemos que, ao compormos juntos com os vírus, também percebemos-fazemos com eles florestas (DIAS, 2020): abrimo-nos ao novo, à mutação, à vida e às composições inusitadas que formam paisagens em pensamentos-corpos-mundos, e territórios que se instauram desde as menores moléculas, atravessando e acoplando as nossas carnes, expandindo-se a tudo que nos circunda.

Tecer estas e tantas outras fabulações especulativas em devir-com (HARAWAY, 2023) os vírus, na composição de nossas paisagens multiespécies do Antropoceno (TSING, 2019), é também investir em uma educação que aconteça “com-na-em-meio-à-pela vida, ensaiando-se no improviso, sensíveis ao que nos torna incessantemente outros nas derivas, nos encontros educativos e nas nossas existências” (SALES; RIGUE, DALMASO, 2023, p. 16): interessada nas relações, na (co)construção de mundos, no movimento. É também um convite para pensar, sentir e viver as metamorfoses (COCCIA, 2020) que acontecem nos caminhos e movimentos educativos: perceber, enfim,

[...] as metamorfoses na vida, na educação e na formação docente como um chamado a experimentar a liberdade e a força do que acontece nos devires

com tantos-e-tudo que nos encontramos, do que nasce e morre, do que constitui casulos, do que se movimenta nas/pelas/com as derivas. Eis um convite para cultivar a coragem de, ao aprendermos e nos formarmos, também experimentarmos a beleza, força e vulnerabilidade de existir, de mutar, de metamorfosear (RIGUE; SALES; DALMASO, 2024, p. 1493).

Quem sabe estejam aí algumas pistas para adiar o fim dos nossos mundos-de-vida enquanto nos articulamos para adiantar o desmoronamento de certos mundos-de-morte, ensaiando outros territórios possíveis.

Caminhos abertos

Neste artigo, mobilizei algumas inspirações e pensamentos que especulam mundos possíveis com os vírus. O Antropoceno apresenta-se como um período marcado pelas ruínas que se compõem em meio às paisagens multiespecíficas. Assim, as possibilidades de devir-com estes seres microscópicos e de viralizar anunciaram-se como fabulações de mundos possíveis. É justamente nestes territórios que percebemos a urgência de, mais do que apenas lamentar, colocarmo-nos ativamente na tarefa de buscar e construir formas de incidir e criar tempos-espacos habitáveis, de contagiarmo-nos em bons encontros e de nos inspirarmos para seguirmos em movimentos.

Reconhecer as memórias do que tanto feriu e segue machucando Gaia é lembrarmo-nos de nossas responsabilidades com este planeta o qual habitamos. Quiçá, uma outra pista para infectarmo-nos de mundos-de-vida-e-desejo possíveis esteja também nos ensinamentos de Haraway (2023): cultivar uma responsabilidade que aconteça de forma ativa, na habilidade responsiva de cocriar, de fazer junto, de viver e morrer com os outros seres. Assim, a autora afirma que “[...] estamos aqui para viver e morrer com, não só para pensar com e escrever com. Mas, para isso, também estamos aqui para *semear mundos com*” (p. 225, grifos meus). *Semear mundos com* é abrir espaço ao que pode nascer de alegre nas tessituras que acontecem junto, em devir-com. Eis a feitura para, também, dizer basta aos mundos-de-morte que tanto nos ferem, os quais já não nos cabe mais insistir.

Resta-nos, então, viver e morrer com os vírus, viver e morrer com os problemas, viver e morrer com os possíveis que se anunciam nas coexistências multiespecíficas, viver e morrer com os outros seres: viver e morrer com Gaia, criando mundos. Para tal, temos a tarefa de não olhar o que se apresenta como problema como algo ruim, mas entender que naquilo/naquele está um caminho para mudar, para devir-com, para metamorfosear. E, nesta árdua tarefa de viver-e-morrer-com, diariamente, também semear mundos possíveis, nas sombras e ruínas de outros que já não cabem mais, e precisam findar. Entrar em movimentos, ressonâncias e velocidades para perceber e fazer florestas (DIAS, 2020) multiespécies, viralizando em múltiplos territórios. Assim, na medida em que nos vemos caindo, também poderemos construir paraquedas multicoloridos (KRENAK, 2019) para pousar com mais suavidade onde pudermos, enfim, parar.

Referências

- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Posfácio: Perguntas Inquietantes. In: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019, p. 73-84.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini, tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1ª ed. Rio de Janeiro. Dantes Editora, 2020.
- DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaios sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.
- DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas**, Campinas, 7, n. 17, 2020.
- DIAZ, Santiago. Contra-pedagogia do contágio. **Ecos: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Niterói, v. 2, n. 10, p. 169-172, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade**, Campinas, v. 3, n. 5, 2016.



Unalce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. São Paulo: n-1 edições. 2023.

HOW TO SURVIVE A PLAGUE. Direção: David France. Produção: Howard Gertler; David France. Estados Unidos: Public Square Films, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco, Rio de Janeiro, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A Vida não é Útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

MARTINS, Eloísa Cecília Dias; CRUZ, Elizeu Pinheiro da; SANTOS, Sidney Fernandes dos. IMAGINAÇÕES MULTIESPÉCIES SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS. **Revista Estudos Libertários (Rel)**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-13, jan. 2020.

LIMA, Nathan Willig; NASCIMENTO, Matheus Monteiro. Aterrando no sul: uma proposta político-epistemológica para a área de educação em ciências do antropoceno. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 27, p. 1-16, 2021.

MBEMBE, Achille. **NECROPOLÍTICA**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. 2. ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2019.

RANNIERY, Thiago; TERRA, Nathália. Abomináveis Amores entre Estranhos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, p. 1-22, 2023.

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral; DALMASO, Alice Copetti. Metaformoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1465–1496, 2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Do sujeito-em-bloco ao sujeito-em-obra. Ideias para adiantar o fim de um mundo**. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9fugzAPsfvM&t=2043s&ab_channel=Gilceleysantos. Acesso em: 30 out. 2023.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SALES, Tiago Amaral. A Aids como Dispositivo: linhas, te(n)sões e educações entre vida, morte, saúde e doença. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, n. 1, p. 1-28, 2022b.

SALES, Tiago Amaral; ALVES, Maria Carolina; LOURENÇO, Keyme Gomes; SILVA, Roberta Paixão Lelis da; BORGES, Nicole Cristina Machado; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho; CARVALHO, Daniela Franco. Narrativas de um mundo em

ruínas: conexões entre ciências, artes, filosofias e educação. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 232–256, 2022.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de Vida-e-Morte em Territórios Pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 275-293, 2021.

SALES, Tiago Amaral. Mesclando imagens, criando narrativas outras: educações menores em HIV/aids e(m) filmes. **Estudios LGBTIQ+, Comunicación y Cultura**, v. 3, n. 1, p. 35–46, 2023.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, p. 1-24, out. 2023.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. Entre o cuidado de si e o bem viver: porvires possíveis para a vida e a educação em meio às pedagogias pandêmicas. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 9, n. 26, p. 111-128, 2022.

SALES, Tiago Amaral; SILVA, Roberta Paixão Lelis da. “Quem disse que a gente não pode cair? Quem disse que a gente já não caiu?”: Sonhando e criando paraquedas coloridos. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 26, n. 1, p. 837–844, 2021.

SALES, Tiago Amaral. Travessias em poéticas virais. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 10, n. 1, 2022a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SEARLE, Adam; TURNBULL, Jonathon. Resurgent natures? More-than-human perspectives on COVID-19. **Dialogues In Human Geography**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 291-295, 10 jun. 2020.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.